

Expectativas favoráveis para demanda e investimentos

Confiança da indústria voltou a crescer após cinco meses de queda

Novos cortes nas taxas de juros americana e brasileira

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Expectativas favoráveis para demanda e investimentos

A demanda interna perdeu importância relativa, mas seguiu entre os principais entraves enfrentados pela indústria gaúcha no terceiro trimestre de 2019.

A Sondagem Industrial do RS de setembro de 2019, realizada pela FIERGS, mostrou reduções sazonais da produção e do emprego e estoques pouco acima do planejado. A Sondagem referente ao terceiro trimestre revelou que os maiores obstáculos foram a elevada carga tributária e a demanda interna insuficiente, mostrando também menor insatisfação das empresas com suas condições financeiras. Para os próximos seis meses, os empresários gaúchos projetam crescimento da demanda e mostram maior disposição para investir.

Os índices de produção (48,0 pontos) e de emprego (49,3) ficaram abaixo dos 50 pontos em setembro, o que indica queda em relação ao mês anterior. Acima das médias históricas do mês, de 46,7 e 47,8 pontos, respectivamente, os resultados mostram que, além de típicas, por conta do menor número de dias úteis, as quedas de 2019 foram menos intensas que o normal.

Por conta disso, a ociosidade da indústria gaúcha diminuiu um pouco, mas seguiu elevada. De fato, o uso da capacidade instalada (UCI) atingiu em setembro o patamar de 71,0%, o mesmo de agosto e o maior para o mês desde 2014 (72,0%). Já o indicador de UCI em relação à usual ficou em 44,3 pontos em setembro, próximo do valor de agosto (44,6 pontos). Na faixa negativa (abaixo dos 50 pontos), esse índice revelou que os empresários gaúchos consideraram a UCI do mês abaixo do usual para o período.

Os estoques de produtos finais permaneceram pouco além do nível esperado pelas empresas em setembro, conforme mostrou o índice em relação ao planejado em 51,0 pontos no mês, pouco acima dos 50,0.

De acordo com a Sondagem referente ao terceiro trimestre de 2019, a carga tributária elevada e a demanda interna insuficiente continuam sendo os principais problemas enfrentados pela indústria gaúcha. A carga tributária, no entanto, ganhou peso em relação ao segundo trimestre (de 41,6% para 47,4% das assinalações), enquanto a demanda interna perdeu importância relativa (de 50,0% para 45,9%). Vale destacar a taxa de câmbio (19,6% das respostas), que foi o terceiro maior problema do setor, crescendo 7,0 p.p. relativamente ao segundo trimestre, quando foi apenas o nono problema mais assinalado. A competição desleal (18,7%), a falta de capital de giro (16,3%) e a burocracia excessiva (16,3%) foram na sequência os maiores obstáculos do terceiro trimestre de 2019.

Ainda referente ao terceiro trimestre, a Sondagem mostrou que o industrial gaúcho está menos insatisfeito com as condições financeiras da empresa. O índice de satisfação atingiu 48,5 pontos, 4,6 acima do trimestre anterior, mas permaneceu no terreno negativo (abaixo dos 50 pontos), o mesmo ocorrendo com a margem de

lucro, cujo índice subiu de 37,5 para 41,9 pontos. As condições de acesso ao crédito ficaram menos adversas: o índice de facilidade subiu de 39,0 para 43,1 pontos no período, atingindo o maior valor desde o quarto trimestre de 2013. Paralelamente, as empresas revelaram desaceleração no ritmo de crescimento dos preços das matérias-primas, com a queda do índice de 59,7 para 58,5 pontos entre o segundo e o terceiro trimestre de 2019.

Quanto aos próximos seis meses, as expectativas de demanda e de exportações tiveram ligeira queda em outubro, mas seguem positivas (acima dos 50 pontos), atingindo, respectivamente, 54,8 pontos (55,6 em setembro) e 51,3 pontos (51,9 em setembro). Com isso, a indústria gaúcha pretende aumentar as compras de matérias-primas (53,8 pontos), mas não o emprego, que deve ficar estável, conforme sugerem os 49,9 pontos do índice para o número de empregados.

Em outubro, os empresários gaúchos se mostraram mais dispostos a investir. O índice de intenção de investir nos próximos seis meses cresceu 2,8 pontos em relação a setembro e atingiu 52,5 pontos, o maior nível em seis meses. O índice varia de zero a cem pontos e quanto maior, mais alta é a propensão para o investimento. Em outubro, a parcela de empresas que tinha intenção de investir (56,2%) superou a parcela que não tinha (43,8%).

Principais problemas enfrentados no trimestre (% de respostas)

	2º trim./2019	3º trim./2019
Elevada carga tributária	41,6%	47,4%
Demanda interna insuficiente	50,0%	45,9%
Taxa de câmbio	12,6%	19,6%
Competição desleal	18,7%	18,7%
Falta de capital de giro	19,6%	16,3%
Burocracia excessiva	15,4%	16,3%
Inadimplência dos clientes	15,9%	15,3%
Demanda externa insuficiente	20,1%	14,8%
Falta ou alto custo da matéria prima	17,3%	14,8%
Taxas de juros elevadas	12,6%	12,9%
Dificuldades na logística de transporte	5,1%	10,1%
Falta ou alto custo de energia	4,2%	8,1%
Competição com importados	9,4%	7,7%
Falta de financiamento de longo prazo	9,8%	7,7%
Insegurança jurídica	8,9%	7,2%
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	6,1%	4,8%
Outros	5,1%	4,8%
Nenhum	0,0%	1,4%

A soma dos percentuais supera 100% devido à possibilidade de múltipla escolha.

Fonte: Sondagem Industrial do RS/ FIERGS

Confiança da indústria voltou a crescer após cinco meses de queda

Após três de altas seguidas, o Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, ficou estável entre setembro e outubro, em 59,2 pontos. Esse foi o melhor resultado para o mês desde 2010. Bem acima dos 50 pontos e da média histórica (53,2), o ICEI/RS indica confiança elevada.

A estabilidade do ICEI/RS em outubro é resultado de movimentos distintos de seus dois componentes: queda das condições atuais e melhora das expectativas.

O Índice de Condições Atuais (ICA) recuou 0,4 ponto no período, passando de 52,3 para 51,9 pontos, permanecendo acima dos 50 pontos, que indica condições melhores. O Índice de Condições da Economia Brasileira (ICA-EB) caiu de 52,2 para 51,1 pontos, devido à redução da parcela de empresas que percebem melhora (de 25,0% em setembro para 23,1% das empresas em outubro) e ao aumento das que percebem piora (de 15,1% para 17,3 %). O Índice de Condições das Empresas ficou praticamente estável em 52,3 pontos em outubro, 0,1 acima de setembro.

O Índice de Expectativas (IE) para os próximos seis meses subiu 0,3 ponto ante setembro, alcançando 62,9 pontos em outubro. O valor acima de 50 pontos revela que os empresários gaúchos têm perspectivas positivas. A pequena alta do índice veio do subcomponente de relativo às próprias empresas (IE-E), de 0,8 ponto em outubro em relação a setembro, para 64,1 pontos. O Índice de Expectativas para a Economia Brasileira (IE-

EB) ficou praticamente estável, passando de 61,2 para 61,1 pontos. Em outubro, mais da metade dos empresários gaúchos (51,4%) estava otimista com o futuro da economia brasileira. O pessimismo era pouco disseminado: 5,8% das empresas. Mas havia uma parcela grande (42,8%) que não esperava mudanças.

O ICEI/RS de outubro confirma o quadro de acomodação da confiança dos últimos meses, que, diante do fraco desempenho econômico, segue sustentada, principalmente, pelas expectativas. Os empresários gaúchos continuam a acreditar em uma melhora da economia, o que permite manter a perspectiva positiva para o setor nos próximos meses.

Com a Reforma da Previdência praticamente definida, novos aumentos da confiança empresarial devem ocorrer somente com a retomada mais consistente da economia e novos avanços reformistas.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Novos cortes nas taxas de juros americana e brasileira

Na quarta-feira passada, o Comitê de Política Monetária do Fed (FOMC) decidiu por reduzir novamente a taxa de juros básica norte-americana, configurando o terceiro corte consecutivo. O corte foi de 0,25 p.p., deixando a meta dos *fed-funds* no intervalo entre 1,5% e 1,75%. Tal ciclo de cortes busca fomentar o crescimento do EUA diante dos atritos globais que o país enfrenta, e também devido à uma inflação controlada, haja visto que o desemprego continua baixo e a atividade tem aumentado a taxa uma moderada.

O comunicado, entretanto, não indica a continuidade do ciclo, o que pode ser interpretado como uma postura de resguardo do Fed perante ao comportamento da economia para os próximos meses. Os últimos três cortes foram marcados por uma leve divergência entre os membros do comitê (8 votos a favor e 2 contra). Enquanto o mercado esperava cortes maiores, o comportamento do Fed leva o mercado a acreditar que a autoridade monetária norte-americana estava mais comprometida com uma inflação baixa do que com um crescimento sustentado, como expresso no comunicado.

Alinhado às reuniões do FOMC, o COPOM também decidiu, por unanimidade, reduzir a taxa básica de juros brasileira em 0,5 p.p., fazendo com que a Selic atingisse um novo patamar mínimo histórico, de 5,0%.

Esse corte era esperado pelo mercado, pois a inflação continua baixa e o nível de ociosidade alto, o que sinaliza a necessidade de estímulo para a economia brasileira. Além disso, o COPOM indica continuidade do ciclo de cortes, diferentemente do cenário norte-americano. A taxa de desemprego do País continua em patamar desconfortável, fato que reitera a dificuldade da economia brasileira em encontrar uma trajetória consistente de recuperação.

Após o corte indicado para a reunião de dezembro, o comunicado do comitê sugere uma certa cautela quanto à continuidade e intensidade destes. O aparente fim do movimento sincronizado das autoridades monetárias norte-americana e brasileira pode ecoar na taxa de câmbio R\$/US\$, haja visto a prospectiva redução do diferencial de juros desses países. Assim, mesmo a maior atratividade da economia brasileira para o investidor externo, o baixo diferencial de juros pode segurar a cotação em patamares mais desvalorizados.

Como o cenário externo é um dos fatores de risco para a efetividade da política monetária, e, além disso, as incertezas ainda se mostram presentes, como guerras tarifárias e desaceleração da economia global, o Copom pode adotar uma postura mais parcimoniosa para o primeiro semestre de 2020.